

INVENTÁRIO DOCUMENTAL DO PATRIMÔNIO IMATERIAL DE MATO GROSSO: BREVE DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.

Heloisa Afonso Ariano*

Thereza Martha B. Presotti Guimarães**

1. INTRODUÇÃO

Após um longo período, em que a noção de patrimônio permaneceu restrita aos monumentos de “pedra e cal”, a constituição de 1988, em consonância com a política da UNESCO, inaugura um período em que se busca ampliar a noção de patrimônio e privilegiar os bens culturais intangíveis significativos para diferentes segmentos da sociedade brasileira e não apenas aqueles relativos às classes dominantes.

Como instrumento para essa política, foi elaborada a noção de patrimônio imaterial. Noção um tanto controversa, pois insere um corte e separa materialidade e imaterialidade com vistas a dar ênfase a saberes, celebrações, lugares e formas de expressão, como se esses não fossem amparados em uma materialidade que lhe confere expressão.

Essa política pública instituiu o Livro do Registro do Patrimônio Imaterial que, semelhante à instituição do tombamento, visa proclamar um bem cultural como patrimônio e desse modo criar instrumentos para sua salvaguarda.

Entre as ações para a identificação de referências culturais aparece o mapeamento dos documentos. A partir dele, pode-se identificar bens culturais, avaliar sua historicidade e assim criar condições para que as referências culturais mais significativas sejam alvo de registro e de planos de salvaguarda.

Em Cuiabá, em 2008, um grupo formado por pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, técnicos lotados em diversos acervos e alunos bolsistas da UFMT, a partir de um convênio firmado entre o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e a UFMT, realizou levantamento das fontes documentais desses acervos e das referências culturais neles contidas.

* Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso. Mestre em Antropologia Social. Projeto Financiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

** Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutora em História. Projeto Financiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Este artigo, além de tornar públicos os resultados dessa pesquisa, objetiva avaliar a documentação, sobretudo com respeito ao bem cultural viola de cocho, um dos mais representativos bens culturais mato-grossenses.

2. METODOLOGIA DO INVENTÁRIO

O trabalho seguiu as seguintes metas/etapas:

Seleção dos Acervos, primando pelos mais ricos e significativos em profundidade temporal e diversidade de fonte que contivessem inscritos os bens imateriais de Mato Grosso, com a adequação do número ao tempo de execução do projeto;

Capacitação dos Bolsistas Selecionados por meio de encontros com técnicos do IPHAN, minicursos e oficinas temáticas ministradas por pesquisadores da equipe e de outras instituições;

Pesquisa Documental com a utilização de fichas documentais e fichas de referência, seguindo a metodologia proposta pelo IPHAN. Nas fichas documentais são anotados um resumo do documento, sua referência documental completa e informações sobre o estado do documento, sua acessibilidade e condições do acervo. Na outra, registra-se qual referência cultural aparece no documento e um resumo do trecho no qual aparece a referência ao bem cultural. Para um entendimento do que se quer dizer com referência cultural, Arantes (2001) define referência cultural como “as práticas e objetos por meio dos quais os grupos representam, realimentam e modificam a sua identidade e localizam sua territorialidade.” (SIMÃO, 2005: 15).

Apresentação dos Resultados. Além do relatório ao IPHAN e à UFMT, a pesquisa resultou em quatro bancos de dados: referências culturais, fontes documentais, contatos institucionais e contatos pessoais. Foi publicado um DVD (TAMASO et al., 2010) e, uma exposição amostral dos bens imateriais mato-grossenses foi realizada.

3. OS ACERVOS

Os resultados desse inventário foram publicados em um DVD, do qual resumimos a caracterização dos acervos:

Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Criado em 1896, pode ser considerado o mais importante acervo do Estado, cumprindo o papel de guardião da

memória mato-grossense. Abriga toda a documentação oficial do governo estadual, notadamente as mais antigas, desde a época da conquista colonial, quando a região ainda vinculava-se à Capitania de São Paulo (1719 -1748), e após a criação da Capitania de Mato Grosso em 1748. Compõem o patrimônio documental os manuscritos avulsos, portarias e provisões, requerimentos de sesmarias, correspondências, 1.600 inventários e testamentos datados desde 1778, relatórios de Presidentes da Província, 79 livros de atos governamentais, relatórios dos vários governantes e um rico acervo fotográfico. Da época colonial são 18.655 documentos e 46 livros de registros; da época imperial 120.000 documentos, 2.690 livros de registros e 17 títulos de jornais e do período republicano são 182 títulos de jornais mato-grossenses e cerca de 5.000 livros de Coletoria Estadual. Vale citar ricos documentos cartográficos, iconográficos e os periódicos em rolos de microfilmes.

Casa Barão de Melgaço. Tombada pelo Governo do Estado como Patrimônio Histórico Cultura, é a sede de duas das mais antigas instituições culturais de Mato Grosso: a Academia Mato-grossense de Letras (1921) e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1919). Possui uma biblioteca com mais de 10.000 volumes, uma hemeroteca com periódicos publicados ao longo dos séculos XIX e XX e um arquivo, com dois grupos de acervos: institucionais, compostos dos papéis gerados por instituições fenecidas e ativas, e os acervos privados e de família, compostos de papéis, objetos e mobiliário que pertenceram aos titulares.

Operação Amazônica Nativa. São 2000 obras entre livros, teses e periódicos, voltados para o tema indígena em concordância com sua atuação social e política.

Centro Burnier Fé e Justiça. Mantém um acervo em excelentes condições para consulta pública. As obras ficam adequadamente acondicionadas, em ótimo estado, mesmo as mais raras e antigas. A última atualização, feita em 2010, contabilizou 6.377 obras/livros, além de periódicos e fotos em fase de catalogação.

Coleção Amidicis Tocantins da Biblioteca da UFMT. São 17.200 títulos de obras concernentes às mais variadas áreas do conhecimento, com incidência maior na área de Ciências Humanas e Sociais. Apresenta obras em diversas línguas e é rico em obras consideradas raras e preciosas, correspondentes às primeiras edições de exemplares esgotados há mais de 30 anos.

Hemeroteca da Biblioteca da UFMT. O acervo bibliográfico da UFMT é de 167.000 exemplares sendo que destes, 16.000 são Coleções de Obras Raras destinadas à consulta, abrangendo as mais diversas áreas do conhecimento. A Coleção de Periódicos, que em 2000 contava com 403 títulos correntes e 1542 títulos retroativos, vêm crescendo ano a ano.

Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional. Guarda um rico e variado acervo bibliográfico com importantes obras raras referentes aos séculos XVIII, XIX e XX, bem como um banco de imagens e sons. Integram também seu acervo, importantes documentos manuscritos e impressos do período colonial, salvaguardados em microfichas e microfilmes, originários de diversos arquivos, tal como os provenientes do AHU - Arquivo Histórico Ultramarino (Portugal) - e Biblioteca Nacional (RJ). Instrumentos ou guias de pesquisa são produzidos por estagiários e alunos bolsistas que facilitam as consultas e leituras dos microfilmes, dos principais periódicos (Jornais e Revistas) da época imperial e republicana, além das fontes eclesiásticas, legislativas e da administração pública federal e estadual, permitindo a geração de importantes teses, dissertações e trabalhos monográficos.

Museu Rondon. Acervo cujas obras versam sobre temas indígenas com presença de muitas teses e dissertações. Nota-se uma incidência maior das obras sobre o contato interétnico e política indigenista.

Museu de Arte e Cultura Popular. Abriga um conjunto de obras de artes plásticas, principalmente pinturas, de autores mato-grossenses, com temática voltada à cultura popular.

4. RESULTADOS NO DVD

Ao todo foram inventariados 404 documentos e 536 referências culturais. Processos de classificação e contagem dessas informações foram realizados (e apresentados no DVD), segundo as categorias apresentadas pelo IPHAN; de acordo com a distribuição nos acervos e a partir de novas tipologias propostas pelo grupo de pesquisadores. Gráficos e tabelas foram elaborados segundo a distribuição das referências culturais (Figura 1 e Tabelas 1 a 3) e segundo a distribuição das fontes (Figuras 2 e 3 e Tabelas 4 a 5).

A Tabela 1 apresenta uma classificação, de acordo com as categorias propostas pelo IPHAN, das referências culturais inventariadas. A Figura 1 traz diferentes aspectos dessa tabela. Na Figura 1a, observa-se o predomínio de duas categorias (Saber e modo de fazer e Forma de expressão) sobre as outras três (Lugar, Celebração e Edificação). Na Figura 1b, por sua vez, observa-se que 419 das 536 referências ainda vigem, situação cardinal nas mais frequentes da Figura 1a. Em resumo, pode-se afirmar que há um predomínio de saberes, modos de fazer e formas de expressão que ainda hoje são conhecidos e praticados.

Com respeito à época em que o bem cultural aparece no registro, podem ser consignados cinco diferentes grupos: (1) Ano específico registra, por exemplo, a data da construção de uma determinada edificação; (2) Período longo registra bens cujo período de tempo, embora não mais em vigência, tenha sido longo, por exemplo, “séc. XVIII”, outra, “décadas de 20 e 30”; (3) Contínua aparece quando foi explicitamente registrada a palavra contínua ou quando aparece uma data de início de período e a expressão “até a atualidade”; (4) Sazonal, quando assim foi registrada, ou quando marca uma época do ano (Carnaval, Reis, Período de Guerra, Período de Chuvas, Dia de Festa) e finalmente quando não foi informada a época. Observa-se que a soma das linhas contínua e sazonal (afinal sazonalidade implica em continuidade) é praticamente a totalidade dos registros informados.

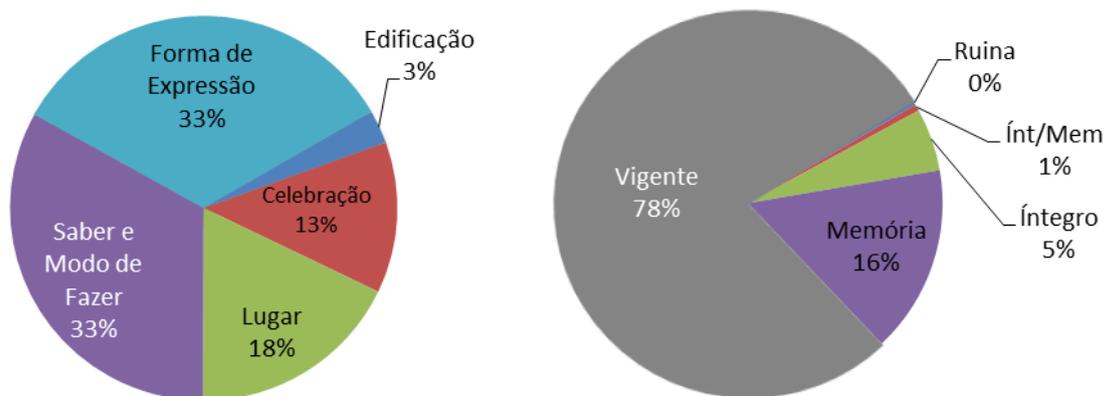


Figura 1 – Gráficos da distribuição das referências inventariadas de acordo com as categorias definidas pelo IPHAN e de sua condição atual.

CATEGORIAS	CONDIÇÃO ATUAL	N	NT
Celebrações	Memória	6	68
	Vigente	62	
Edificações	Íntegro	9	15
	Memória	2	
	Ruina	2	
	Vigente	2	
Formas de Expressão	Memória	10	180
	Vigente	170	
Lugares	Íntegro	19	96
	Íntegro/Memória	3	
	Memória	56	
	Vigente	18	
Saberes e Modos de Fazer	Memória	10	177
	Vigente	167	
Total			536

Tabela 1 - Distribuição das referências inventariadas de acordo com as categorias definidas pelo IPHAN e de sua condição atual. A coluna N refere-se ao número de referências em cada cruzamento dos dois critérios e a coluna NT fornece o número total de referências em cada categoria.

ÉPOCA	N
Ano específico	15
Período longo	17
Contínua	298
Sazonal	115
Não informada	91
TOTAL	536

Tabela 2 - Distribuição das referências inventariadas de acordo com a época em que o bem aparece no registro.

O agrupamento dos dados referente ao local da referência (de acordo com a tipologia especificada na Tabela 3) permite observar uma forte concentração das referências em terras indígenas e na cidade de Cuiabá, o que reflete os acervos consultados. Considerando que os três itens seguintes possuem alguma referência à cidade de Cuiabá, vê-se que a cidade de Cuiabá é, como era de se esperar, o local mais citado nos documentos.

LOCAL	NT
Terras indígenas	195
Cuiabá	174
Baixada Cuiabana	36
Rio Cuiabá, Ribeirinhos e Pantanal	33
Referências Múltiplas incluindo Cuiabá	11
Vila Bela	11
Outros municípios mato-grossenses	55
Não Informado	21
TOTAL	536

Tabela 3 - Distribuição das referências inventariadas de acordo com o local que o bem patrimonial se refere.

A classificação de acordo com a fonte documental foi resumida na Tabela 4. Observe-se a baixa participação de documentos de imagem: apenas uma foto e nenhum vídeo. Isso se deve ao impedimento de nosso acesso ao acervo do Museu de Imagem e de Som de Cuiabá motivado por dificuldades técnicas, especialmente pela falta de um computador no qual os bolsistas pudessem pesquisar, já que o acervo de imagens foi salvo em compact-discs.

GRUPO		FONTE DOCUMENTAL			
Trabalhos Acadêmicos	108	Monografias	Especialização	Dissertação	Tese
		9	63	31	5
Originais	38	Anotações	Manuscritos	Datilografados	Foto
		1	24	12	1
Artes	14	Escultura	Pintura		
		1	13		
Publicações Periódicas	104	Almanaque	Jornal	Revista	
		1	44	59	
Livros	127	Livros	Livretos		
		108	19		
Outros Documentos	13	Anais	Avulsos	Desenho	Microfilme
		1	7	2	3
TOTAL	404				

Tabela 4 - Quadro da distribuição das fontes documentais segundo critério elaborado pela equipe.

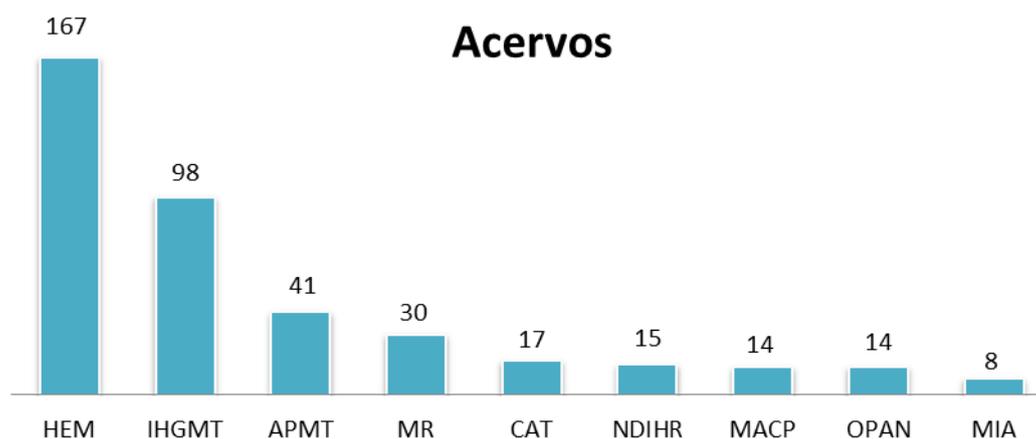


Figura 2 – Distribuição das fontes documentais segundo tipo.

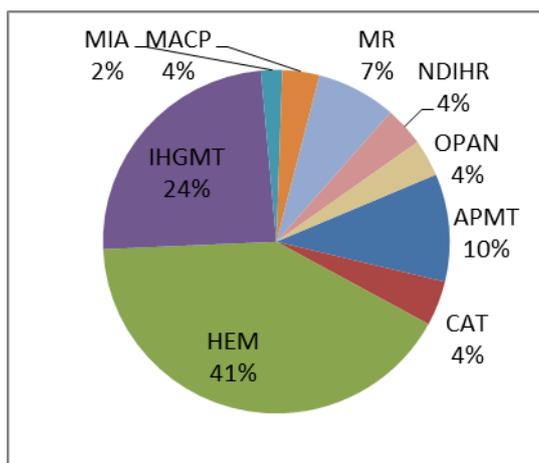


Figura 3 – Distribuição das fontes por acervo

O gráfico abaixo permite qualificar o tipo de documento e sua incidência nos acervos.

O gráfico XX destaca a incidência das quatro categorias. Note-se que há uma presença maior de Formas de Expressão. Dentre as mais referidas estão o Cururu, o Siriri, Festa de São Benedito, Festa do Divino, Festa de Nossa Senhora do Rosário, Rasqueado, Dança de São Gonçalo, Festa de Santo Antonio, Chorado, Cavalhada, Congada, Carnaval Cuiabano. Em seguida temos expressiva presença de saberes e modos de fazer. A viola de cocho, sobre a qual pretendo analisar a documentação, enquadra-se na categoria saberes e modo de fazer. Entretanto, a classificação em categorias promove um deslocamento do bem cultural de um contexto mais amplo no qual ele se insere para um contexto restrito definido a partir do critério exigido para o enquadramento nas categorias. Assim, a viola de cocho, além de um modo de fazer, está presente no complexo cultural das festas religiosas, sendo fundamental para a execução do Siriri, do Cururu e de performances como a Dança de São Gonçalo. É parte fundamental do momento de Levantamento de Mastro em festas religiosas.

5. ALGO SOBRE A VIOLA DE COCHO

A viola de cocho recebeu inscrição no livro de Saberes e modos de fazer do Patrimônio Imaterial brasileiro em dezembro de 2004. O registro é um instrumento simbólico que representa o reconhecimento do Poder Público brasileiro do valor do bem

cultural como expressão da identidade nacional, o que permite a implantação de ações de salvaguarda.

No banco de dados no anexo de documentos consta a presença de 18 documentos que mencionam a viola de cocho. Para uma breve caracterização da documentação encontrada, temos a obra “Tradição e ruptura: cultura e ambientes pantaneiros”, de Luiz Vicente Campos Filho (2002) no qual a viola é mencionada como um dos aspectos da vida cotidiana do pantaneiro, como o próprio título atesta, com maior ênfase no Siriri. Um livreto denominado “Cadernos Cuiabanos” (1978), publicação da Secretaria da Educação e Cultura registra as características singulares e o modo geral de fazer a viola em termos absolutamente genéricos. De modo geral, os documentos fazem menção a presença da viola em festas religiosas ou uma caracterização genérica do instrumento.

Enfim apenas dois documentos tem como objeto a viola de cocho: o livro de Julieta Andrade (1981), “Cocho mato-grossense: um alaúde brasileiro” e livro de Abel Santos Anjos Filho “Viola de cocho: ressonância de um ícone”. A primeira inicia delimitando sua área de pesquisa em termos geográficos. Situa as diferentes cidades onde a pesquisa aconteceu. Descreve o modo de elaboração da viola de forma detalhada e sua grande contribuição neste trabalho é situar o instrumento no conjunto dos instrumentos musicais como um cordofone da família dos alaúdes e fazer a recomposição histórica da dispersão dos alaúdes a partir do Irã em direção a Ásia, África e Europa, chegando ali, levado por povos nômades. A segunda detém-se em analisar uma lenda existente entre os cururueiros a respeito do surgimento da viola.

Percebe-se a ausência de uma abordagem da viola de cocho que evidencie as múltiplas relações sociais que se estabelecem por meio do instrumento, as quais criam renovados significados para o artefato. De fato as vozes dos cururueiros, seu dia a dia ainda merecem uma pesquisa mais aprofundada.

Hoje novos enfoques estão sendo propostos sobre o estudo da cultura material. Na obra *Materiality*, Daniel Miller (2005: 11-13) resume os pontos de vista de Bruno Latour e de Alfred Gell. São enfoques que prometem ultrapassar a oposição materialidade versus imaterialidade – característica das ciências sociais como um todo - que talvez permitam abordagens muito produtivas sobre esse objeto, de fato, muito pouco estudado da cultura mato-grossense.

Outra grande lacuna está na figura do violeiro, sobre o qual nada se sabe das relações sociais desenvolvidas/estabelecidas entre os sujeitos e destes com a viola. Como vivem os violeiros? Quais posicionamentos tiveram em relação ao registro da marca viola de cocho? E quanto ao registro no Livro de Ofícios e Saberes, como participaram e o que esperam desta conquista? Como estão avaliando as ações desenvolvidas pelo Pontão Viola de Cocho criado após o registro da marca. O documento no qual mais se percebe a presença do humano em sua relação com o artefato é o Dossiê de Registro da Viola de Cocho que é de elaboração recente e não integrava os acervos pesquisados, sendo disponível pela internet.

Estas lacunas atestam a relevância das conclusões de José Reginaldo Santos Gonçalves (2005) ao discutir o potencial analítico e descritivo da noção de patrimônio. Junto com o desinteresse pelos estudos da cultura material e por aquelas manifestações culturais conhecidas tradicionalmente como folclore, a experiência vivida de um grupo de cururueiros ficou esquecida. Nesse caso houve maior interesse pelo objeto do que pelas relações sociais e simbólicas que se construíram em torno dele. A categoria patrimônio, como advoga Gonçalves (2005), se concebida do ponto de vista etnográfico, possibilita um reencontro com esses “objetos” esquecidos, desprezados como menores e recuperá-los mais na experiência vivida, do que como emblemas de identidades.

6. CONCLUSÃO

Nove acervos, todos localizados na capital, Cuiabá, foram selecionados. Seria inviável realizar a pesquisa em todo o estado, assim como organizar pesquisa em diferentes regiões que permitissem captar a diversidade cultural do estado, principalmente no que concerne aos fluxos migratórios, que levaram para regiões de colonização mais recente – manifestações culturais próprias de nordestinos, gaúchos, catarinenses e paranaenses.

A análise da documentação mapeada permitiu concluir que de forma geral as mais expressivas manifestações culturais do Estado não foram alvo de estudos sistemáticos e com enfoques produtivos, ou seja, nas áreas diretamente envolvidas como a antropologia, história e sociologia. A maior parte dos documentos, com raras exceções, são crônicas, notícias, memórias que não tem enfoque específico sobre qualquer manifestação cultural específica e não vão além de descrições superficiais das

expressões culturais. Mesmo as monografias, dissertações e teses que pesquisamos constituem abordagens do ponto de vista da Educação, Educação Ambiental, Educação Física e outros enfoques que não permitem o registro e análise qualificados de manifestações culturais.

Selecionei a documentação relativa à viola de cocho como exemplar do que ocorre com a maior parte da documentação e que testemunha o fato de que estas manifestações culturais, embora sejam considerados objetos já intensamente estudados, merecem pesquisas sob novos enfoques e novas abordagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SIMÃO, Lucieni. Certificando culturas: inventários e registro do patrimônio imaterial. *Mneme - Revista de Humanidades*, Vol. 7, Nº 18. 2005.
- TAMASO, Izabela. et al.. Inventário Documental do Patrimônio Imaterial de Imaterial do Mato Grosso [DVD]. Cuiabá, 2010.
- TAMASO, Izabela. Relatório Final do Inventário Documental do Patrimônio Imaterial de Imaterial do Mato Grosso. Cuiabá, 2010.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio. *Horizontes antropológicos*. vol.11 n.23 Porto Alegre Jan./June 2005.
- ANDRADE, Julieta de. **Cocho mato-grossense: um alaúde brasileiro**. São Paulo, Editora Escola de Folclore Editorial, 1981.
- CAMPOS FILHO, Luiz Vicente. **Tradição e Ruptura: cultura e ambiente pantaneiro**. Cuiabá, Editora Entrelinhas, 2002.
- ANJOS FILHO, Abel dos Santos. **Viola de Cocho: ressonância de um ícone**. Cuiabá, Editora da Universidade Federal de Mato Grosso.
- MILLER, Daniel. (org.) **Materiality: an introduction**. Durham and London, Duke University Press, 2005.
- CUIABA, Prefeitura Municipal; Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Departamento de cultura e Turismo. Programa: Cadernos Cuiabanos. Sessão: Folclore. Nº 1. Cuiabá, abril de 1978.
- VIANA, Letícia. **Dossiê Viola de Cocho**. Disponível em: http://www3.iphan.gov.br/bibliotecavirtual/?page_id=281. Acesso em: 20 abr.2011.